

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**LITERATURA E IDENTIDADE MAPUCHE NA MISSÃO CIRCULAR
JESUÍTICA DE CHILOÉ**

Graciela Ormezzanoⁱ (UPF)
Lorilei Seccoⁱⁱ (UPF)

Este estudo bibliográfico aborda a literatura e a identidade *Mapuche*, tanto na versão originária como nas alterações sofridas pela intervenção dos jesuítas na missão circular de Chiloé. Neste texto, não será encontrada a flexão para o plural no termo “Mapuche”, tendo em vista que os nomes dos povos indígenas se originam de suas próprias línguas, como no *mapudungun* (fala da terra), de modo que acrescentar um “s” resultaria em um hibridismo idiomático. Encontra-se unificado sob a denominação “Mapuche” o grupo indígena que é constituído de *Araucano*, *Huilliche*, *Pampa*, entre outros, e que abarcou desde o extremo sul chileno até a pampa argentina.

Isso posto, objetiva-se descrever as produções estético-literárias autóctones e as utilizadas após a chegada dos jesuítas num processo de interculturalidade junto à população indígena. As bases da interculturalidade estão na interpretação e na interpenetração das culturas, no diálogo, na compreensão, no convívio e nos benefícios mútuos provocados pelos intercâmbios.

Os atores da pesquisa foram os indígenas chilotas pertencentes a duas etnias distintas, os *Chono*¹ e os *Huilliche*², que, à chegada dos europeus, ocupavam o arquipélago de Chiloé. Além deles, figuram os sacerdotes pertencentes à ordem jesuítica fundada por Inácio de Loyola [1491-1556], que no século XVII chegaram às ilhas meridionais chilenas.

A missão circular foi ideada pelos jesuítas para evangelizar a população indígena dispersa nas ilhas, comunicando-se pelo mar e idealizando uma comunidade religiosa participativa, na qual os *Chono* e os *Huilliche* pudessem ter uma vida amparada no evangelho e um trabalho comunitário. Os padres entenderam a ação

¹ O vocábulo indica, em língua *Mapuche*: homens de canoa (informação verbal).

² O termo indica *huilli* (sul) e *che* (gente), significando, portanto, gente do sul. Esses indígenas são também chamados de *Veliche* ou *Velinche* (informação verbal).

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

evangelizadora como uma outra Cruzada, seguindo o lema da Companhia de Jesus para “a maior glória de Deus e o maior bem das almas”.

Assim, o itinerário do artigo inicia-se pelo *ethos* dos povos que habitavam a região antes da conquista espanhola, depois trata da literatura na sociedade *Mapuche* e, por último, aborda o processo de instalação da missão circular, considerando as mudanças que os jesuítas geraram nos aspectos estético-literários e educacionais.

1. SOBRE OS PRIMEIROS POVOS CHILOTES

A presença humana em Chiloé remonta a milhares de anos a.C., tendo sido os *Chono* os primeiros habitantes conhecidos. Esses indígenas eram nômades, provavelmente originários de outras ilhas, mais ao sul, conjunto hoje denominado de “Arquipélago de Chonos”. Entretanto, Barcelos (2007) afirma que sua cultura pode ser *fueguina*, de Terra do Fogo, ou, talvez, originária de Chiloé, de onde podem ter sido expulsos pelos *Huilliche*. Não há consenso entre os pesquisadores a respeito da gênese dessa nação.

Basicamente, os *Chono* alimentavam-se da pesca e de coletas do mar e da praia. Com lascas de pedras, capturavam lobos marinhos, dos quais aproveitavam, além da carne, o couro e o óleo, que era usado para proteger sua pele do frio e da água e como base na preparação de pinturas corporais (BARROS VALENZUELA, 1975).

Além do corpo untado com óleo, sua vestimenta consistia numa capa curta que cobria as costas, confeccionada com pele de lobo marinho ou lã de uma raça de cachorro branco e peludo. Não usavam tatuagens, sendo comuns entre homens e mulheres as ornamentações, como colares feitos de conchas, caracóis, ossos, escamas e plumas (CÁRDENAS; VERA; HALL, 1991).

Os *Chono* mantinham contato esporádico com os *Huilliche*, outros habitantes do arquipélago, para roubar suas mulheres ou capturá-los como escravos. Desse encontro, alguns *Chono* começaram a praticar uma rudimentar agricultura, fazendo pequenas

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

plantações de batatas. Os *Huilliche*, por sua vez, adotaram o costume *Chono* de navegar usando a *dalca*³ (BARROS VALENZUELA, 1975).

Foi com os *Huilliche* que os espanhóis estabeleceram os primeiros contatos. A maioria das fontes citadas neste texto pressupõe que essa etnia tenha migrado da região da Araucania para Chiloé em busca de novas terras, estabelecendo-se no norte da Ilha Grande. Estes eram sedentários, viviam em assentamentos formados por grupos familiares de agricultores, compartilhando uma área comum e obedecendo a um *lonko*, termo *Mapuche* para designar o cacique, que era escolhido de acordo com a idade, a riqueza ou a nobreza de caráter (FERNÁNDEZ, 1999).

Os *Huilliche* eram pessoas saudáveis, dóceis, hospitaleiras e de boa disposição para o trabalho. Em relação à imagem pessoal, andavam vestidos com mantas, ponchos e carapuças de lã colorida, sendo todo o processo de confecção das vestimentas assumido pelas mulheres, utilizando-se do tear. O tecido era de cores uniformes, colorido e com figuras geométricas de cruces, quadrados ou formas humanas estilizadas. Em geral, andavam descalços, mas, para algumas atividades, usavam como calçado um pedaço de couro com tiras amarradas nas pernas. As mulheres usavam brincos e colares de pedras, conchas ou madeira. Esse povo não usava pintura facial, nem corporal.

Tanto os *Chono* quanto os *Huilliche*, pelo contato com o mundo não indígena, seja por meio dos conquistadores espanhóis ou dos jesuítas oriundos de diversos países da Europa Central, tiveram seu destino alterado paulatinamente. Suas modalidades culturais foram misturadas aos interesses dos colonizadores, levando-os a uma grande mestiçagem e à sua extinção como etnias singulares, passando a ser generalizados pela denominação de “índios chilotes”⁴.

2. A LITERATURA NUMA SOCIEDADE ÁGRAFA

³ Embarcação de madeira criada pelos *Chono*.

⁴ A partir do século XVIII, a palavra “chilote”, com suas variações castelhanas de gênero e número, foi utilizada para denominar os ilhéus de Chiloé.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A sociedade *Mapuche*, e, por conseguinte, o povo *Huilliche* possuíam uma cultura oral, destacando-se os dotes retóricos dos indígenas. Os mais velhos desenvolviam a oratória como forma de perpetuar seu acervo cultural, os valores morais e a experiência ancestral. Na língua falada na Araucania, de onde se pressupõe que sejam oriundos os *Huilliche*, cacique se diz *qülmen*, cujo sentido etimológico está relacionado ao “homem que fala bem”, ao “orador”. A importância da poesia, das histórias e do domínio da língua seria condição *sine qua non* para a liderança, porque transmite o saber da comunidade (FERNÁNDEZ, 1999).

Além dos anciãos e dos líderes, existiam os contadores de histórias e os poetas, que eram pagos pelos caciques para realizar composições específicas nas festas da comunidade ou relatar antigos contos e poemas. Trata-se, nesse caso, não de autores, mas de intérpretes narradores que reorganizavam um texto conhecido em um discurso renovado e valorizado pelo grupo étnico.

Os gêneros literários *Mapuche* existentes antes da colonização podem ser categorizados de duas formas: os cantados e os não cantados. Os gêneros cantados podem ser de folia ou místicos; assim, existem o *ülcantum* (canto festivo ou poético) e o canto religioso, que, por sua vez, se subdivide em *tayül* (litúrgico) e em *nguellipun* (rogativa). De acordo com Fernández: “*La primera romanceada fue registrada en 1629 por Francisco Núñez de Pineda y Bascuñán en Chile. El narrador cuenta que el cacique Quilalebo lo despidió con un ülcantum que fue acompañado de danzas y al son de instrumentos musicales*” (1999, p. 16).

O *ülcantum*, que significa “cantar algo”, trata-se de um jogo verbal complexo que não responde aos cânones literários das línguas latinas, sendo uma criação originária que combina a poesia, a dança e a música. Já o canto religioso ou ritualístico era entoado por mulheres com toques de tambor, evocando um ancestral protetor ou uma força natural; esse subgênero não era dançado e podia ser utilizado em forma de reza individual ou comunitária.

No que se refere aos gêneros não cantados, de acordo com Golluscio, citada por Fernández (1999), há o *epeu* (relato de ficção protagonizado por animais ou seres

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

sobrenaturais) e os não narrativos, como o *kwifike dungu* (mitos ou palavras antigas) e o *nütram* (descrição de um fato histórico). Dentre os que chegaram até os nossos dias, cabe mencionar um antigo mito ou *kwifike dungu* sobre a Criação, que diz: *Ten-tén Vilú* e *Cai-cai Vilú* enfrentaram-se numa grande luta, e na dinâmica da peleja formou-se a geografia patagônica atual. *Ten-tén Vilú* é um réptil primordial que representa o elemento Terra, as forças benéficas, os seres humanos e tudo o que cresce nos seus domínios. *Cai-cai Vilú* também é um réptil, mas simboliza o elemento Água, as forças maléficas e todo mal que pode existir nos rios e lagos ou no mar. Há milhares de anos, a luta personificada pelos répteis míticos provocou uma elevação das águas, ameaçando cobrir o território. *Cai-cai* golpeava-a com o rabo, fazendo subir enormes ondas e provocando chuvas intermináveis, enquanto o *Vilú* protetor, que dormia numa caverna no alto da montanha, encurvava-se a cada golpe para proteger os *Mapuche* e os animais. A força da água enfurecida tentou matar todos os seres vivos, mas não conseguiu. O mito relata que alguns homens se transformaram em peixes e certos animais, em pedras. Nessa luta mortal, o *Vilú* da destruição ia inundando terras, criando canais e golfos, transformando a cordilheira andina em ilhas; entretanto, o *Ten-Tén* ia crescendo, elevando o nível da terra, outorgando a alguns seres humanos o poder de voar e de se transformar em pássaros. Assim, no fragor da guerra, surgiu um arquipélago de enorme beleza: Chiloé.

Esse mito tem origem nos primeiros tempos, quando, segundo os indígenas, somente existiam os *Mapuche*, crença sustentada com fé religiosa pelo grupo étnico que o considera antigo, sagrado e verdadeiro. O mito do *Ten-Tén* integra uma cosmogonia originária que envolve a criação do mundo e do ser humano. Nem os *Huilliche* nem os *Chono* adoravam ídolos ou edificavam templos, mas entre as deidades mais importantes estavam: *Nguenechén*, o Pai, o Mestre, o Ancião, associado ao Sol; *Nguenemapún*, o criador e dono da Terra; e *Pillán*, o representante dos fenômenos naturais, como relâmpagos, tempestades, raios, inundações e, também, das boas colheitas (CÁRDENAS; VERA; HALL, 1991).

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

E assim foi até que chegaram os jesuítas. Os padres estavam cientes de que uma transformação súbita e radical nos costumes indígenas não traria resultado algum. Então, o projeto evangelizador fortaleceu-se com a prática da paciência e da tolerância diante das diferenças culturais encontradas entre os *Huilliche* e os *Chono*, buscando uma integração entre as crenças animistas e o ideal cristão.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS ESTÉTICO-LITERÁRIAS NA MISSÃO JESUÍTICA

A Companhia de Jesus deu ênfase ao campo educacional desde 1549. Organizou a Província Jesuítica do Paraguai em 1607 e manteve o território chileno como uma Vice-Província, que, depois de vários anos, passou a ser Vice-Província do Peru, até quando se criou a Província Jesuítica do Chile, em 1693 (BARCELOS, 2007).

Durante o tempo em que se desenvolveu a missão circular, um dos primeiros atos de cunho educacional consistiu na fundação de um colégio em Castro, o qual, em princípio, ensinava meninos espanhóis e, posteriormente, também indígenas. Ali eles aprendiam a leitura, a escrita, a aritmética, o canto e a música.

O modelo utilizado foi extraído dos mosteiros, e o maior objetivo dos seguidores de Santo Inácio não era o ensino das artes nem o das ciências, e sim a evangelização dos infieis. Com essa intenção, os missionários ensinaram o castelhano e o latim. Mas, como seria muito difícil a comunicação até todos os indígenas dominarem essas línguas, os religiosos precisaram aprender a língua dos nativos, então, também utilizavam o *Huilliche*.

Na história de Chile, padres e cronistas em contato com esses indígenas destacam as suas dotes retóricas, assinalando que o ritual de passagem entre a infância e a vida adulta era uma prova de oratória diante do cacique. Todavia, apesar do destaque à oralidade indígena, também havia leitores, pois Fernández (1999) afirma haver registros de que o padre Luis de Valdivia escreveu um texto em língua *Mapuche*, em 1606, intitulado *Arte e gramática da língua que corre em todo o Reino de Chile, com vocabulário e confessionário*. Aprender a ler e escrever foi fundamental para cada

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

sujeito em particular e para a expressão de toda a comunidade autóctone, pois, desse modo, a sociedade ágrafa foi se transformando numa sociedade letrada.

O canto utilizado pelos indígenas em seus rituais fora inserido em todas as atividades religiosas e, provavelmente, em algumas outras ocasiões, acompanhado por poucos instrumentos, sendo a principal prática educativa desenvolvida durante a missão circular. A investigação musicológica chilena lamenta não haver registro das letras ou músicas entoadas na tarefa catequista dos padres Valdivia e Aguilera. O ensino musical missionário incluía instrumentos de sopro e de cordas, e instrumentos nativos, como tambores e flautas, acompanhavam as danças, compassadas e lentas, em que homens e mulheres bailavam separados nas cerimônias telúricas (CÁRDENAS; VERA; HALL, 1991; RONDÓN, 1997).

Meios não verbais, amparados em igrejas, imagens de santos, sons, gestos, procissões, festividades, foram os recursos didáticos usados para o ensino de conceitos abstratos morais e espirituais aos indígenas, que se misturavam aos autóctones. A dramaturgia estava relacionada às passagens bíblicas, aos mandamentos e sacramentos católicos, sendo outro recurso de catequese.

A diversidade, no contexto geográfico, sociocultural e religioso apresentado no Arquipélago de Chiloé, impediu que o projeto missionário seguisse o modelo de grande parte das reduções na América. Criou-se, por meio da missão circular, uma peculiar estratégia de conversão para um amplo conjunto de ilhas que apresentavam baixíssima densidade populacional. A figura do jesuíta, mantendo-se críticas ou louvores à parte, serviu de mediadora entre o mundo indígena e o hispânico, amenizando as relações de confronto entre essas duas realidades tão diferentes que se enfrentaram, se mesclaram e se absorveram mutuamente.

A organização jesuítica das festas religiosas patronais em Chiloé fortaleceu uma crença popular sincrética apoiada no culto às imagens, com diversidade literária, ao considerar orações, cantos e bailes, forjada conjuntamente com as antigas formas rituais

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

dos nativos. O conteúdo da celebração do *nguillatún*, a mais importante cerimônia *Huilliche*, foi assimilado nessas festividades.

Esse intercâmbio não se manifestou apenas nas festas patronais de Chiloé, que substituíram, parcialmente, a religiosidade indígena. Salienta-se com isso que, embora tenham se tornado um povo católico, os nativos chilotes mantêm até hoje, um complexo sistema de crenças sobre um mundo mítico que está bastante presente na população

Referências

BARCELOS, Artur. Entre a cordilheira e o mar: exploração e evangelização jesuítica no Chile. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 230-239, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/historiavol11n2/230a239_art09_barcelos%5Brev%5D.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2011.

BARROS VALENZUELA, Álvaro. Chonos. In: BARROS VALENZUELA, Álvaro; ARMSTRONG, Eduardo. *Aborígenes australes de América*. [Santiago?]: Lord Cochrane, 1975, p. 57-59. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/temas/documento_detalle.asp?id=MC0001755>. Acesso em: 20 maio 2011.

CÁRDENAS, Renato A.; VERA, Dante M.; HALL, Catherine G. *Los chonos y los veliche de Chiloé*. Santiago: Olimpo, 1991. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/temas/documento_detalle.asp?id=MC0012567>. Acesso em: 17 nov. 2011.

FERNÁNDEZ, César A. *Cuentan los mapuches*. Buenos Aires: Nuevo Siglo, 1999.

RONDÓN, Victor. Música jesuita en Chile en los siglos XVII y XVIII: primera aproximación. *Revista Musical Chilena*, Santiago, v. 51, n. 188, jul. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0716-27901997018800001&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 13 maio 2011.

ⁱ (Dra. em Educação, Universidade de Passo Fundo, Brasil)
E-mail: gormezzano@upf.br

ⁱⁱ (Acadêmica de Artes Visuais, FAPERGS, Universidade de Passo Fundo, Brasil)
E-mail: lorileisecco@yahoo.com.br